

## **Mario Filho e *O negro no futebol brasileiro*: uma análise histórica sobre a produção do livro**

Fernanda Ribeiro Haag\*

O presente trabalho arrolado por uma história dos textos tem como objeto a produção do livro *O negro no futebol brasileiro* de Mario Rodrigues Filho. A intenção aqui é realizar alguns apontamentos sobre as condições materiais da produção, e na medida do possível, da recepção da obra. Partimos do pressuposto de que toda a elaboração de um livro não depende unicamente de seu autor. Assim, não nos deteremos profundamente em analisar o conteúdo do livro, mas sim o seu processo de elaboração, pois compreendemos que entre o manuscrito do autor até a publicação material da obra há uma trajetória a qual conta com múltiplos agentes, ações e interferências.

Para construir algumas perspectivas históricas acerca de *O negro no futebol brasileiro* (NFB) e seu autor foi preciso refletir sobre a história dos textos. Um dos pontos a se considerar é a noção de que há uma interdependência clara entre o contexto e a obra, ressalta-se que o livro possui uma capacidade modeladora sobre o próprio contexto do qual emerge, influenciando-o diretamente. De tal modo, consideramos que Mario Filho não só escreve uma história do futebol brasileiro ele também ajuda a construí-la.

Ainda sobre uma história dos textos, Chartier coloca que a produção material de uma obra não diz respeito apenas ao seu autor, na verdade “é sempre um processo coletivo que requer numerosos atores e não separa a materialidade do texto da textualidade do livro”<sup>1</sup>, ou seja, a alma do livro não é só trabalho do autor, mas de todos os envolvidos nesse processo, desde o editor, o distribuidor, o crítico, até mesmo o prefaciador da obra. É importante pensar nesses outros agentes e na materialidade do texto escrito – o formato do livro, a divisão do texto, tamanho da fonte, etc – pois eles têm um papel essencial nos processos de produção e limitação de sentido não são ao acaso, mas com a intenção de conformar a interpretação do leitor.

As contribuições do sociólogo Pierre Bourdieu também nos ajudam a pensar o universo dos textos. De acordo com Bourdieu, “nenhuma obra existe por si mesma, isto é, fora das relações de interdependência que a vincula a outras obras”<sup>2</sup>, ou seja, é preciso localizar as outras

---

\* Mestra – PPGH/UFF

obras com as quais a de Mario Filho dialoga, importante tentar mapear quem são seus interlocutores e influências. Considerando Filho como um produtor cultural, ele dispõe assim como os outros agentes de um sistema comum de referências e marcas comuns.

De tal modo, podemos trabalhar com a ideia proposta pelo sociólogo de um *microcosmo literário*, no qual o modo de pensar é relacional, pois esse seria o *campo* social no qual se produzem obras culturais e essa produção não se daria a não ser através das relações objetivas entre seus produtores culturais. Ainda sobre a noção de campo, tentaremos pensar a posição que Mario Filho ocupa, não só no campo de produção cultural, mas no jornalístico e no esportivo ao longo de sua atuação como produtor cultural, por isso o conceito de *trajetória* também é útil, pois diferente das biografias comuns, a trajetória descreve a “série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos”.<sup>3</sup>

Localizando Mario Filho e sua obra historicamente retornamos a um contexto específico da história do Brasil, mais exatamente entre as décadas de 1930 e 1950. Durante esse período – e já no fim dos anos 1920 – o país passou por diversas mudanças sociais, políticas e culturais e a então capital federal era um pólo de produção cultural fervilhante. Nessa conjuntura, é preciso levar em consideração a nova realidade do campo editorial brasileiro e principalmente carioca. De acordo com Franzini, na década de 1930 há uma nova dinâmica do mercado editorial, pois a cidade do Rio de Janeiro se torna um centro de convergência e irradiação da literatura tida como nacional processo refletido na proliferação de editoras e títulos jamais vista até então. A cidade concentrava grande parte da intelectualidade do país, assim como os mais relevantes editores e ainda as principais vozes da crítica literária, a grande legitimadora do mundo intelectual.<sup>4</sup> Ademais, esse foi um período de tentar compreender e interpretar o Brasil, buscava-se uma nova consciência nacional através da reafirmação das nossas raízes, pois essa seria a forma de fazer o país adentrar na Modernidade. Assim, era preciso encontrar a nossa própria identidade nacional, conhecendo as especificidades e principalmente a autenticidade brasileira.<sup>5</sup>

Aliando esses dois processos, a ascensão do mercado editorial e a necessidade de se interpretar o Brasil, localizamos a geração de intelectuais modernistas que atuou nessa conjuntura. Franzini a caracteriza por sentir a necessidade de uma perspectiva histórica crítica e uma reflexão sobre nós mesmos, rompendo com os laços traçados com a cultura europeia. O futuro transformado para melhor só poderia emanar da nossa especificidade era preciso voltar ao passado em busca dos traços da nossa *brasilidade*. A partir disso, não foram poucos os que se dedicaram à compreensão da formação social brasileira e houve uma profusão imensa de “retratos” do Brasil.<sup>6</sup>

É no bojo de toda essa cena editorial e cultural que localizamos dois fenômenos sociais referentes ao futebol: o surgimento de um discurso acerca da especificidade do futebol brasileiro – pautado pela miscigenação, por uma espécie de antropofagia esportiva, já que o esporte bretão teria se *abrasileirado* e ganhado características só possíveis de serem desenvolvidas nessa terra mestiça e por uma influência de traços da cultura negra – e a construção de uma identidade nacional pautada pelo futebol, mais ainda, pelo futebol mulato que seria um fenômeno unicamente brasileiro, traço da nossa brasilidade. A gestação desse discurso de uma *brasilidade futebolística* foi um processo coletivo que contou com a atuação de diversos intelectuais<sup>7</sup> partícipes de diferentes campos do social, inclusive e com grande destaque Mario Filho.

Pensar a *trajetória* de Filho se faz essencial, conhecendo assim um pouco da sua história de vida e principalmente sua atuação e circularidade por diferentes campos do social, montando assim uma importante rede de sociabilidade, o que lhe facilitava a inserção em meios mais restritos além de lhe dar prestígio e reconhecimento. Todos esses elementos acabaram se refletindo na construção da sua obra por isso merecem atenção. Mario Rodrigues Filho (1908-1966) veio de uma família de 13 treze irmãos, o pai Mario Rodrigues era jornalista político em Recife. Após divergências políticas locais do pai, a família se muda para o Rio de Janeiro em 1916 e em 1925 Rodrigues abre o próprio jornal, *A Manhã*. Com 18 anos, em 1926, Mario Filho passa a trabalhar no jornal da família, chega a ocupar o cargo de gerente. O pai tinha grande pretensões para Filho, queria-o como repórter da Câmara dos Deputados, entretanto, o rebento resolve gerir a página literária “Arte e Cultura”<sup>8</sup>. Dois anos depois Mario Filho passa a comandar a seção de esportes, tida como a menos prestigiada da publicação. A partir daí Filho dá o pontapé inicial nas mudanças sofridas pela imprensa esportiva – não foi o único e sempre contou com apoio de outros. O futebol passa a ter mais espaço e uma grande mudança foi o uso de uma nova linguagem para tratar do esporte bretão, muito mais próxima do cotidiano popular<sup>9</sup> Esse foi o grande insight de Mario, trazer o diálogo das arquibancadas, bares e ruas para o jornal. Isso atraiu o público e se criou uma relação dialética e afetiva entre o povo e o jornalista. Suas crônicas, e, por conseguinte, toda a sua obra não se fazia sozinha, mas com um diálogo constante com o público, o qual também não deixa de ser ator dessa produção.

Mario Filho passa por outros jornais e redações, mas se estabelece em 1930 na seção de esportes de *O Globo*, tendo recebido o convite do próprio amigo Roberto Marinho. A direção da seção de esportes do Globo lhe rendeu muitos contatos e relacionamentos com pessoas do meio esportivo, jornalístico e intelectual. Mas sua rede aumentou consideravelmente com o famoso “cafezinho com os entrevistados”. O tal cafezinho foi uma série de entrevistas realizadas no Café Nice, local de encontro de torcedores, jogadores, jornalistas e até

compositores populares, como Noel Rosa<sup>10</sup>. Como dizia Mario Filho: “Lá também se fazia samba, samba bom”<sup>11</sup>.

Além do Café Nice, Mario Filho frequentava os bares preferidos pelos torcedores de cada time carioca: o Flamengo no Café Rio Branco, no Lamas e no Largo do Machado; o Vasco no bar Capela, da Lapa e na cervejaria Vitória, da Praça Onze; o América no Mourisco.<sup>12</sup> Mas os cafés e bares não eram os únicos redutos de Filho, o jornalista era também frequentador da Confeitaria Colombo e da renomada Livraria José Olympio, o que o colocava em contato com diversos escritores e literatos extremamente relevantes do período<sup>13</sup>.

Todos esses lugares citados tinham uma alta presença de intelectuais, jornalistas, sambistas, jogadores, políticos, o que demonstra a grande inserção que Mario Filho possuía nos mais diversos campos e também a imensa rede de sociabilidade a qual ele mantinha. Aqui nos recordamos novamente dos escritos de Angela de Castro Gomes comentando sobre o universo intelectual e os processos de transmissão cultural – ou o campo de produção cultural como visto em Bourdieu: “Salões, cafés, casas, editoras, academias, escolas, revistas (...) são lugares preciosos para a análise do movimento de fermentação e circulação de ideias”.<sup>14</sup> Compreender que Mario Filho circulava por esses espaços nos revela que toda a sua obra em algum momento “bebeu” da colaboração dessas pessoas – o que Bourdieu chamou de sistema de referências comuns.

Outro momento decisivo na vida de Mario Filho foi a compra do *Jornal dos Sports* (JS). Foi sob o seu comando que o jornal teve maior sucesso e construiu uma hegemonia de pelo menos cinco décadas.<sup>15</sup> Apesar do destaque da sua figura, é importante pensar na capacidade *coletiva* do jornalista esportivo em inventar tradições e multidões, fatores que deram perenidade ao JS. O *staff* formado por Mario no jornal, assim como sua rede de contatos foram essenciais para todo esse sucesso. A sua inserção nos meios esportivo e jornalístico abriu possibilidades para a sua circulação também no campo literário e intelectual e até no político. Podemos ter essa noção ao conferir os cronistas que Mario Filho empregou no *Jornal dos Sports*, os quais eram colegas profissionais, amigos e figuras de destaque em outros espaços sociais. Só para citar alguns de destaque: João Lyra Filho, Manuel do Nascimento Vargas Neto, José Lins do Rego.

### ***O Negro no futebol brasileiro: a produção material da obra***

Antes de nos determos especificamente sobre NFB, vale fazer alguns apontamentos sobre outras obras da produção literária de Mario Filho. O pontapé inicial de Mario no mundo

das letras se deu com ele ainda jovem. Entre 1926 e 1927, Filho publicou dois romances: *Bonecas e Senhorita* 1950. É a partir da década de 40 que Mario Filho passou produzir mais e foi na Pongetti Editores que publicou a maior parte de suas obras. Em 1943 relata as histórias do selecionado brasileiro na Copa Rio Branco no romance *Copa Rio Branco 32*, com direito a prefácio de José Lins do Rego. Em 1945 é a vez do lançamento de *Histórias do Flamengo* sobre causos do *mais querido*. A primeira edição de *O negro no futebol brasileiro* sai em 1947 e dois anos depois há a publicação de *Romance do football*, o último pela Pongetti. Poderíamos aglutinar todas essas obras em uma coleção que visaria contar a história do futebol brasileiro a partir do olhar de Mario Filho. A sua produção posterior feita durante a década de 1960 até a sua morte em 1966 saiu por diferentes editoras. O *Copa de 62* relatando a conquista do bicampeonato mundial publicado também em 1962 saiu pela Editora Cruzeiro. Um ano depois publicou *Viagem em torno de Pelé* pela Editora do Autor. A segunda edição de *O negro no futebol brasileiro* foi publicada pela Civilização Brasileira em 1964. No ano seguinte Mario publicou *O Rosto*, contando sobre os bastidores da cobertura jornalística, na Record. E no ano de sua morte, 1966, seu livro *A Infância de Portinari* foi editado pela Bloch Editores.

Cabe agora nos atermos à principal obra de Mario Filho. *O negro no futebol brasileiro* foi publicado pela primeira vez em 1947 tendo como tese central que o futebol seria o meio pelo o qual o negro e o mulato conseguiriam ascender socialmente. Ao longo do livro, Filho desenvolve uma historicidade própria do futebol brasileiro partindo de um início elitista e branco para alcançar ao final a democratização racial. Outro aspecto essencial do livro é a sua intenção de construir uma identidade brasileira a partir do futebol. A especificidade do Brasil originada pela miscigenação também estaria representada no esporte.

Miscigenação, harmonia social, identidade coletiva não foram categorias que apareceram ineditamente na obra de Mario Filho, aliás, bem longe disso. Foi na obra de outro pernambucano que esses conteúdos ganharam notoriedade: *Casa Grande e Senzala*. Gilberto Freyre foi um dos tantos intelectuais desse período que procurou pintar o seu “retrato” sobre o Brasil e afirmava categoricamente o caráter positivo da mestiçagem na formação da nacionalidade brasileira. É possível estabelecer a ligação da obra de Mario Filho com o pensamento de Gilberto Freyre. A noção de pensar a brasilidade a partir do valor positivo da miscigenação e localizar o negro numa sociedade harmônica com possibilidade de ascensão – tendo o futebol como um meio –, além de legitimar expressões culturais através da contribuição vinda exatamente da mestiçagem foi um projeto coletivo e Mario Filho foi um “braço” desse projeto no campo esportivo. Entretanto, é importante ressaltar que não foi o único. O próprio Freyre já havia escrito sobre o futebol brasileiro assim como José Lins do Rego.

Para além das afinidades discursivas acerca da brasilidade futebolística, José Lins do Rego e Gilberto Freyre eram amigos, e a tinha conseqüências literárias e editoriais. Os dois se conheceram em 1923 em Pernambuco e a relação dos dois perdurou por muito tempo. Há indícios de que foi José Lins do Rego quem fez a mediação para trazer Gilberto Freyre para a José Olympio para assumir a coleção *Documentos Brasileiros*.<sup>16</sup> Freyre também fazia parte do círculo social de Mario Filho, o que tornou a circularidade entre as ideias dos dois muito mais acessível. Aliás, foi Zé Lins quem fez a ponte entre Filho e Freyre através de um jantar em 1946. Foi quando Mario Filho apresentou seu conjunto de escritos, os quais dariam origem a *O negro no futebol brasileiro*, para Freyre que ficou de lê-los e comentá-los.

Os escritos dados a Freyre por Mario Filho no referido jantar eram uma coletânea das crônicas publicadas pelo jornalista em sua coluna “Primeira Fila” em *O Globo* desde 1942. Segundo Filho, foi a partir das histórias relatadas ali que surgiu a ideia de escrever *O negro no futebol brasileiro*, aliando esses causos com mais pesquisas e uma maior quantidade de fontes.<sup>17</sup> O NFB foi publicado pela Irmãos Pongetti Editores.

Segundo Halewell, a Pongetti fora uma gráfica e se tornou editora em 1935<sup>18</sup>. Pertencia aos irmãos Rodolfo e Rogério e contava com a assessoria e publicações do outro irmão Henrique Pongetti, escritor e teatrólogo. A empresa tinha um catálogo de bom nível incluindo Dostoiévski e Maurois e inovou ao criar o *Anuário Brasileiro de Literatura em 1937*. Da mesma forma que a José Olympio parecia disposta a colocar o país em sintonia consigo mesmo e com o mundo, publicando a nova literatura nacional e outros gêneros da biografia à divulgação científica além da tradução dos clássicos e contemporâneos<sup>19</sup>

Tornou-se uma das maiores editoras do país nas décadas de 1940 e 1950 e ficou conhecida pelo seu caráter inovador e a constante iniciativa de publicar novos autores e trabalhar com novos temas.<sup>20</sup> Outro fator que devemos destacar é o depoimento de João Lyra Filho: “Devo-lhe a publicação da maioria dos meus livros e múltiplos encontros gratos ao meu afeto”<sup>21</sup>, demonstrando o laço de amizade com os editores e principalmente que a editora dava espaço para autores envolvidos com o campo esportivo (mesmo que Lyra também publicasse sobre outros temas), da mesma forma Anna Amelia, esposa de Marcos de Mendonça também publicou pela Pongetti um livro de poemas.

Gostaríamos de ter maiores informações sobre a relação exata entre Mario Filho e a Irmãos Pongetti Editores, já que a grande maioria de sua produção é publicada nessa editora. Entretanto, com as informações que recolhemos inferimos possibilidades. Entretanto, antes disso, um questionamento que nos veio a mente foi: por que Mario Filho não publicou *O negro no futebol brasileiro* pela renomada José Olympio?

Pode parecer uma pergunta pretensiosa e sem muito fundamento, porém, coletando informações até faria algum sentido a publicação ocorrer por lá. Mario Filho já havia publicado dois livros até então (*Copa Rio Branco 32* e *Histórias do Flamengo*), era assíduo frequentador da Livraria, conhecia e mantinha boas relações com os outros intelectuais frequentadores e com o próprio José Olympio, já era um jornalista de renome e principalmente, tinha a chancela intelectual de Gilberto Freyre e amizade com José Lins do Rego, amigo de José Olympio e um dos grandes nomes da editora e que inclusive havia publicado dois romances sobre futebol na empresa de Olympio.

Uma hipótese que devemos considerar é a de que não houve interesse de nenhuma das partes para tal elaboração, a ideia sequer fora cogitada. Outra possibilidade seria a de que a José Olympio não visava publicar livros com tema tão diverso como futebol, mesmo que já tivesse publicado *Água-mãe* e *Eurídice*, mas vale lembrar que são apenas dois dos muitos romances de José Lins (e Mario Filho não era um escritor do quilate e reconhecimento de Zé Lins). A José Olympio era uma editora de muito renome, tinha diversas publicações relevantes e talvez não apetecesse ter esse tipo de assunto em seu catálogo, além do que como já vimos os intelectuais sempre mantiveram uma relação adversa com o futebol, sendo considerado um tema menor ou não digno das páginas literárias, ainda que alguns se detivessem ao assunto.

É nesse sentido que entra a publicação pela Pongetti, pois era exatamente conhecida por dar chance a novos autores e a assuntos diversos, ou não “clássicos”, enquadrando-se o futebol e talvez por isso, grande parte da produção literária com temática esportiva de Mario Filho tenha encontrado espaço ali. Pode-se elucubrar também algum vínculo afetivo entre os editores e Filho, mas não temos nenhuma comprovação. Mas sobre laços de amizade é importante lembrar que João Lyra Filho, cronista do *Jornal dos Sports* e íntimo de Mario, demonstrou sua proximidade com os Irmãos Pongetti, também podendo ser o vínculo entre o jornalista e a editora.

*O negro no futebol brasileiro* contou com 100 exemplares para a venda e 20 fora do comércio em sua primeira edição, tiragem bem pequena para a época, mesmo que não fosse o período de boom editorial da década de 30, o mercado possibilitava tiragens bem maiores. Livro pequeno com 295 folhas, capa amarela, com o título em vermelho e um pequeno desenho de uma bola, o gol e um jogador negro, de leitura acessível e tema tentador. A questão da linguagem nos coloca um questionamento, como grande parte da obra se originou das crônicas publicadas na “Primeira Fila”, seguia o padrão desenvolvido por Mario Filho de uma linguagem próxima da oralidade popular, o que poderia fazer-nos pensar que o público alvo do livro era para o público leitor interessado em esportes e cativo do jornal, ou seja, a população em geral. Entretanto, alguns indícios nos dizem o contrário, a começar pela tiragem. 100

exemplares não dá a possibilidade de o NFB ter sido feito para o “grande público”, pelo contrário, parece direcionado para um público específico: basicamente os intelectuais. Três elementos podem corroborar essa teoria.

Primeiro, o exemplar que tive disponível para a pesquisa tinha a dedicatória de Filho: “Para Pedro Calmon. Cordialmente, Mario Rodrigues Filho. 20-03-47”, o fato de o autor dedicar seu livro para Pedro Calmon é elucidativo de quem ele gostaria que lesse o livro. Pedro Calmon foi bacharel em Direito, deputado, escritor, historiador, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1939 e era professor da então Universidade do Brasil e do Colégio D. Pedro II. Com isso percebemos a posição relevante que Calmon dispunha no meio acadêmico da época e o fato de um exemplar de o NFB ter sido dedicado a ele revela talvez uma busca de Mario Filho por opiniões e reconhecimento dentro desse meio.

Segundo, são publicadas no *Jornal dos Sports* diversas críticas sobre *O negro no futebol brasileiro* e os principais nomes a resenhá-lo são de intelectuais, sejam literatos, ou da área de história ou antropológica: Rachel de Queiroz<sup>22</sup>, Jorge de Lima<sup>23</sup>, Olívio Montenegro<sup>24</sup>, Nelson Werneck Sodré<sup>25</sup> e Maria Isaura Pereira de Queiroz<sup>26</sup>. Demonstrando novamente que o livro passou muito mais pelos círculos letrados formados por intelectuais do que para o grande público, ainda que colocar críticas positivas sobre a obra no *JS* revelava uma intenção de mostrar ao público o reconhecimento da produção de Filho no meio intelectual.

Todavia não foi apenas no *Jornal dos Sports* que a obra de Mario Filho foi resenhada, outros jornais se encarregaram de fazer o mesmo<sup>27</sup>, e o terceiro elemento que nos interessa aqui é a resenha dessa obra feita por Luiz Aguiar Costa Pinto e publicada na revista *Sociologia*, conceituado periódico científico da Escola Livre de Sociologia e Política (SP) em 1947.<sup>28</sup> A revista só aceitava obras que os autores ou editores remetessem a ela<sup>29</sup>, demonstrando novamente o interesse de Mario Filho em posicionar a sua produção também no meio acadêmico buscando reconhecimento e posicionamento dos pares sobre seu livro.

Outro aspecto a se considerar nessa análise se refere aos paratextos presentes em NFB. De acordo com o teórico francês Gérard Genette um texto poucas vezes se apresenta sem o reforço e o acompanhamento de *paratextos*, ou seja, produções verbais ou não que visam “assegurar a sua existência no mundo, sua ‘recepção’ e seu consumo, sob forma de um livro”<sup>30</sup>, no caso específico aqui temos dois paratextos essenciais: o prefácio feito por Gilberto Freyre e a Nota ao Leitor do próprio Mario Filho.

O prefácio de Gilberto Freyre ao buscar conformar a recepção do público leitor trata de alguns pontos elementares: a história do futebol no Brasil relacionando com a conjuntura do país na mesma época, ou seja, a “transição da fase predominantemente rural para a predominantemente urbana”<sup>31</sup> e trata também do caráter civilizador do futebol. Entretanto, o



que Freyre busca enfatizar é o discurso da brasilidade futebolística – que era um projeto partilhado por ele e que já havia aparecido em seus escritos – reafirmando a contribuição do negro para abraçar o esporte (até então) bretão e a sua possibilidade de ascensão social através do esporte. Fazendo isso busca focar o olhar do leitor para essa temática dentro da obra. Freyre também procura elogiar Mario Filho e o desenvolvimento de seu trabalho. Os elogios devem ser considerados pois servem para legitimar a obra e lhe dar uma chancela intelectual dentro do campo da produção cultural (da mesma forma que o prefácio de Zé Lins em *Copa Rio Branco* 32 havia feito).

Já a Nota ao Leitor retrata de forma simples e objetiva a trajetória do autor durante a escrita de sua obra, revelando assim suas posições e métodos. Começa contando sobre a sua coluna “Primeira Fila”, pois foi ali que ele teve a possibilidade de estudar as diversas épocas do futebol brasileiro, ou carioca. Segundo Filho a história do futebol carioca poderia se estender a outros centros urbanos, pois todos teriam trajetórias análogas. É preciso relativizar esse posicionamento e olhar para NFB como uma obra regional que trata especificamente do futebol no Rio de Janeiro, afinal cada lugar tem uma historicidade própria. Freyre também havia sofrido críticas nesse sentido vindas principalmente de historiadores paulistas, eles alegavam que o pernambucano não fazia um retrato do Brasil, mas de *um* Brasil, o do Nordeste.<sup>32</sup> Na nota Mario Filho revela a sua posição metodológica enquanto pesquisador: utiliza “fontes alternativas ou ignoradas para reviver um passado já quase morto”<sup>33</sup>, ou seja, ele trabalha com a memória dos personagens dessa história, na verdade recorre a relatos orais como sendo suas fontes primárias. Ele também elenca o nome e a ocupação de vários de seus entrevistados, ocupando mais de uma página só com os nomes, revelando que ter contatos não era problema para o autor, sua inserção no campo esportivo era bem positiva. A lista contém “não sei quantos mais dirigentes, jogadores, torcedores”<sup>34</sup>.

Mario Filho vai além e é taxativo ao afirmar que a obra é isenta de contestação, pois ele não fora desmentido até então por nenhum de seus “personagens” e conforme a sua opinião “o que prova que o que está aqui é a verdade pura e simples”<sup>35</sup>. Com base nessas colocações, percebemos a intenção de Filho de afirmar categoricamente que ele realiza uma pesquisa histórica pautada em ferrenha investigação e baseada em teoria e método histórico sociológico, ou seja, tem a intenção de se legitimar como pesquisador e não como romancista. Também é preciso problematizar esse ponto, atualmente a discussão acadêmica acerca do caráter ou gênero de *O negro no futebol brasileiro* é intensa, mas acreditamos que a obra está muito mais próxima de um romance sociológico do que de uma pesquisa de caráter historiográfico. A maioria dos casos de Filho são anedóticos, o que de forma alguma impossibilita seu uso como fonte, apenas há a necessidade de cruzá-lo com outras fontes e fazer a crítica constantemente.

Já comentamos sobre algumas críticas e resenhas feitas sobre o NFB, vamos nos ater mais detalhadamente sobre elas agora, pois nos fornecem uma noção (mesmo que pequena) sobre como se deu a recepção do livro, ao mesmo tempo em que elas também publicizavam e guiavam a leitura de outras pessoas. Como já vimos, algumas resenhas sobre o livro foram publicadas no próprio *Jornal dos Sports*, Mario Filho usou um pouco do espaço de seu jornal para divulgar seu novo livro. As críticas publicadas eram de escritores de renome: Rachel de Queiroz, Jorge de Lima, Olívio Montenegro. O historiador Nelson Werneck Sodré e a antropóloga Maria Isaura Pereira de Queiroz também não se furtaram de comentar sobre o livro.

Todas as críticas adotam um tom elogioso e enaltecem tanto a obra quanto o autor. Também buscam confirmar a tese proposta no livro do futebol como veículo de ascensão social do negro e mulato e reafirmar o discurso da brasilidade futebolística. Outra característica que aparece na maioria dos comentários é a referência ao prefácio de Gilberto Freyre, como se ele desse a chancela definitiva para elogiar o livro de Filho, os únicos a não citarem o autor de *Casa-grande e Senzala* são Nelson Werneck Sodré e a romancista Rachel de Queiroz, ela opta por relacionar a obra de Mario Filho com a de José Lins do Rego, os dois que se detiveram a escrever páginas literárias sobre o futebol.

José Lins do Rego, inclusive, publica uma espécie de sinopse sobre o livro de Mario Filho, fato ocorrido ainda em 1946 antes do lançamento. Da mesma forma que havia feito no *Boletim Ariel* para anunciar “O próximo livro de Gilberto Freyre” (título de seu artigo) em novembro de 1933<sup>36</sup>, Zé Lins publica o artigo intitulado “O football como agente social” no *Jornal dos Sports* para propagandear “o magnífico ensaio sobre o negro no football” que seria lançado em breve. Esse artigo de José Lins também buscava conformar a leitura e propagandear o novo livro.<sup>37</sup>

Havia também sempre a menção de *O negro no futebol brasileiro* como fruto de uma pesquisa profunda focada na análise de dois processos sociais: o desenvolvimento do futebol no Brasil e a democratização racial do país através do esporte. Rachel de Queiroz afirma que “não é como talvez o pense o leitor descuidado uma coletânea da crônica de football anteriormente publicada em geral e interesse apenas para os aficionados do esporte. É o estudo exaustivo de um fenômeno social – a democratização ou melhor, a mulatização de um esporte.”<sup>38</sup> Sodré aponta para um estudo que “descreve e interpreta a evolução do football.”<sup>39</sup>

Jorge Lima ao pensar na análise racial legitima o estudo de Mario Filho sobre o negro e afirma: “Estou enxergando um cauteloso observador de laboratório a ser apontado como merece pelos mais dignos ‘scholars’ (...) e registra despreziosamente as transformações de certo ‘status’ social do negro, pesquisas procedidas em massa, em campo aberto, in loco,

concludentes e simples.” Há a exaltação clara de Filho como um grande pesquisador e que deve ser reconhecido no campo dos “scholars” mesmo não sendo um oficialmente. Se a intenção de Mario era alguma espécie de reconhecimento no campo intelectual, é inegável que esse comentário de Jorge Lima seria uma boa referência. Olivio Montenegro vai auxiliar na legitimação da obra não como um romance alegando que “bem se vê que não é um livro de novela, mas de história – história do football brasileiro.”<sup>40</sup>

A resenha de Costa Pinto na revista *Sociologia* merece atenção especial. Também tem um caráter de elogio a Mario Filho e principalmente ao seu livro e começa seguindo o sentido já visto nas críticas publicadas pelo *JS* de considerar o autor um grande pesquisador, pois mesmo “não sendo um ‘scholar’ no sentido acadêmico do termo está consciente da importância do seu livro e do seu tema para as ciências sociais”. Mario ainda seria um “conhecedor profundo da história do futebol brasileiro” e seu livro “é um vasto repositório de dados, observações e informações valiosíssimas para a antropologia e a sociologia do Brasil”<sup>41</sup>. Entretanto, a partir desse ponto Costa Pinto envereda para uma direção divergente da dos outros críticos. A primeira discordância se refere ao Modernismo e a Gilberto Freyre, se antes o pernambucano era exaltado e tido como chancela intelectual, aqui a relação de Mario Filho com ele e com o movimento modernista é vista criticamente<sup>42</sup>.

A crítica a Freyre se estende também à democracia racial e à inconsistência de comprová-la através da existência de ídolos negros: “é insubsistente apontar-se a existência de ídolos esportivos de cor negra como prova da nossa ‘democracia racial’. Em verdade (...) marca a distancia entre a montanha e a planície, entre a classe e sua aristocracia.”<sup>43</sup> Criticar a democracia racial já em 1947 é um elemento inovador proposto por Costa Pinto, ainda que a crítica seja incipiente é relevante que ela já existisse nesse período, quando o pensamento freyriano encontrava determinada hegemonia, afinal ela só ganhou forças na partir do final da década de 1950 em diante, principalmente com a promoção do Projeto UNESCO.

Mesmo Costa Pinto se preocupando com a análise da temática racial ele coloca outro assunto em pauta ao resenhar NFB, a questão da luta de classes. Para ele, Mario Filho enfatizou demais a questão racial, quando seu trabalho também trata de questões de classe principalmente ao analisar a passagem do amadorismo para o profissionalismo, pois ele substitui as relações patriarcais por contratuais. E no final das contas para Costa Pinto o que acabaria prevalecendo eram as relações classistas, pois elas foram a forma encontrada para manter a subjugação dos negros em classes subalternas e assim, acabariam sendo as mais determinantes socialmente:

O autor preferiu, por razões que não discutimos, fazer ênfase sobre o aspecto racial; ele mesmo, porém, fornece inúmeras e luminosas provas, que se somam às preexistentes, que demonstram a tendência da linha de cor se identificar com a linha

de classe, e como está última predomina como fator de discriminação quando, em casos individuais, os dois fatores de diferenciação social deixam de ser identificados.<sup>44</sup>

Ao final do seu livro em 1947, Mario Filho declarava o fim do racismo no futebol: “Porque em football não havia mais nem o mais leve vislumbre de racismo. Todos os clubes com os seus mulatos e os seus pretos.” E na última nota de rodapé reafirmava a harmonia social brasileira:

E quem está na geral, na arquibancada, pertence à mesma multidão. A paixão do povo tinha de ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico. O rico paga mais, compra uma cadeira numerada, não precisa amanhecer no estádio, vai mais tarde, fica na sombra, não apanha sol na cabeça, mas não pode torcer mais do que o pobre, nem ser mais feliz na vitória, nem mais desgraçado na derrota.<sup>45</sup>

Entretanto, como já vimos com Bourdieu, a vida de um indivíduo não segue uma linearidade coerente todo o tempo, podemos perceber isso ao analisar a publicação da segunda edição em 1964 de *O negro no futebol brasileiro*<sup>46</sup>. Se ao final da primeira publicação, Mario havia decretado o fim do racismo, ao lançar a segunda, ele suprime os trechos acima citados, os quais explicitam bem esse posicionamento, e ao inserir dois capítulos novos “A provação do preto” e “A vez do preto” modifica sua argumentação anterior. O racismo não teria encontrado o seu fim com o sucesso de jogadores negros como Leônidas da Silva e Domingos da Guia no final da década de 40, o preconceito racial, aliás, sofreria um recrudescimento após a derrota da seleção brasileira na Copa de 50 e só encontraria seu fim após superar a provação da derrota através das vitórias nas Copas de 58 e 62, pois os heróis seriam Pelé e Garrincha, um negro e um mulato, respectivamente e que mostrariam ao mundo o valor positivo da nossa mestiçagem. Notamos assim que não há uma mudança na tese geral de Mario Filho e sim na sua argumentação, para ele o futebol ainda é local de ascensão social para negros e mulatos e ainda proporciona um ambiente de harmonia social – e refletiria a lógica da sociedade brasileira – porém, sofreu alguns reveses em seu caminho, o que só elevou a conquista da democracia racial em 1958 e 1962.

Todas essas mudanças feitas no livro fizeram a segunda edição sair como “ampliada e em forma definitiva”<sup>47</sup> e foi publicada pela Editora Civilização Brasileira. A Civilização Brasileira era inicialmente um braço da Companhia Editora Nacional e os assuntos das suas edições incluíam psicologia, educação sexual, filosofia, ficção história, atualidades, antropologia, etc. Porém, a direção editorial sob o comando de Ênio Silveira, o grande nome da editora, sempre será lembrada pelas publicações nos campos da sociologia, economia e política, que geralmente refletiam posições políticas de esquerda.<sup>48</sup> Ênio era reconhecidamente de esquerda e as publicações da editora mostravam isso, tanto é que há o desligamento com a Companhia Editoria Nacional, dirigida por Octalles Marcondes Ferreira, sogro de Silveira e que

não gostaria de se envolver com esse tipo de publicação. A Civilização Brasileira era uma grande editora e os negócios eram lucrativos.<sup>49</sup>

Poderíamos nos perguntar por que Mario Filho republica *O negro no futebol brasileiro* na Civilização Brasileira que na década de 1960 tinha um caráter de esquerda. A democracia racial freyriana já encontrava vários detratores nessa época, principalmente no campo da esquerda como Florestan Fernandes e os integrantes do Projeto UNESCO, seria estranho a publicação sair por lá, temos algumas hipóteses. A capa de trás do livro pode nos iluminar um pouco sobre essa questão: “Mario Filho com sua autoridade de cronista que tudo sabe sobre matéria esportiva, conta em *O negro no futebol brasileiro* a lenta e dura *luta* travada pelo homem de cor para conseguir acesso e destaque no esporte”. Talvez muito mais do que focar na harmonia social proposta pelo livro, a Civilização Brasileira resolveu apostar no caráter de *luta* que o livro retrataria, o que vai ao encontro de uma ideologia de esquerda e ainda mais em um período conturbado como o da ditadura militar recém iniciada. Outro exemplo disso que também aparece na capa é afirmar que o livro “valoriza o futebol como uma festa *democrática*” (palavra cara para época), eram esses os valores que a Civilização Brasileira busca focar na obra.

Ademais, o Mario Filho de 1964 não é o mesmo de 1947, se na década de 1940 ele era um grande jornalista em 1964, já era um escritor conhecido ainda que tratasse de um tema adverso<sup>50</sup>, a sua posição no campo literário é distinta, não é mais um novato com amigos importantes, ele também já tem alguma relevância e a sua obra desde a primeira edição já vinha colecionando elogios de personalidades renomadas. *O negro no futebol brasileiro* foi o volume 29 da coleção “Retratos do Brasil” da Civilização Brasileira. A coleção foi iniciada em 1960 com a obra *Radiografia de novembro* de Bento Munhoz da Rocha e seguiu com vários títulos com temas políticos<sup>51</sup>. Talvez seja possível inserir a “Retratos no Brasil” no contexto das outras várias coleções que existiam sendo a “Documentos Brasileiros” e a “Brasilianas” as mais reconhecidas, claro que o caráter delas são distintos, mas a intenção de refletir sobre o país em uma só coleção se enquadra.

A edição de 1964 de NFB é um livro um pouco maior e sua tiragem também foi maior. O exemplar que utilizamos para a pesquisa era o de número 3673. Claro que a numeração pode até não seguir exatamente a sequência editada, mas se isso ocorrer parece que houve uma tiragem maior do que 3500 exemplares, o que faria algum sentido, pois demanda havia e a obra já era conhecida e mais ainda seu autor. A capa também sofreu modificações e o desenho da segunda edição foi feito por Eugênio Hirsch, produtor contratado por Ênio da Silveira logo após o rompimento com a Companhia Editora Nacional. Os dois, segundo Halewell, empreenderam

umas das maiores revoluções na indústria editorial em meados da década de 1960. A mudança se deu no *design* dos livros, agora as capas passaram a ser desenhos ocupando toda a altura e largura do volume, em quatro cores e o crédito dado ao artista na página de rosto.<sup>52</sup> O livro de Filho seguiu esse novo padrão e o seu desenho de capa contava com as cores verde, branco, vermelho e alguns traços em preto e o nome de Eugênio Hirsch estava lá na página de rosto.

Sobre os paratextos dessa edição temos uma nova Nota ao Leitor e o comentário de Edison Carneiro na orelha do livro. A nota pertencente à segunda edição é bem mais curta e não se retoma nenhum dos pontos da primeira nota. Trata apenas dos dois novos capítulos e sobre a nova publicação do seu livro. Filho exalta sua obra e principalmente a sua tese defendendo que não precisou alterar nenhuma linha, mantendo intactos os quatro primeiros capítulos – quando na verdade ele altera o final do quarto capítulo – só agregando os dois novos para enriquecer o livro com novas histórias acerca das relações raciais no futebol.

Édison Carneiro é o responsável pelo novo comentário agregado à segunda edição. Carneiro foi professor, pesquisador e escritor, era um grande estudioso dos assuntos afro-brasileiros, desenvolveu pesquisas pelo Museu Nacional e pelo MEC e também publicou algumas de suas obras pela Civilização Brasileira, exerceu a profissão de jornalista por um período. Como um grande nome dos estudos negros talvez tenha sido colocado ali para dar maior legitimidade à obra de Filho, não pelo seu viés acadêmico, mas sim como conhecedor das questões raciais, era pra dar sua chancela dentro do campo de debates sobre o negro. Até porque como já dissemos, a tese da democracia racial já começava a ficar combalida nesse período. Em seu texto na orelha de NFB, Carneiro também faz um elogio à obra e ao autor, mas seu texto tem um tom mais agressivo, pois faz uso de uma linguagem bélica, tratando a história contada por Mario Filho exatamente como uma *luta* negra pela conquista de seu espaço: “a batalha particular do negro é quase toda a história do futebol”.<sup>53</sup>

O jornal Correio da Manhã foi o veículo que anunciou o lançamento da nova edição de NFB e publicou críticas sobre o livro. Uma das críticas foi de Carlos Heitor Cony, jornalista, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras. Cony revela que desde a infância invejava a escrita de Mario Filho e tentava copiá-la e sempre foi admirador do jornalista. Quanto a sua obra os elogios não são menores, para Cony: “antes de ser sociologia, ou subsídio para a história do nosso futebol ou da emancipação dos nossos homens de côr, o livro de Mario Filho é um documento pleno de humanidade. (...) Recomendo com especial carinho a leitura deste livro.”<sup>54</sup>

O outro elogio veio da também jornalista Germana de Lamare que faz um resumo da trajetória de Mario Filho e tece elogiosos comentários sobre suas outras publicações para terminar dizendo: “E isto Mario Filho faz um dos mais belos documentos da história do homem

brasileiro. Como dizia José Lins do Rego, no prefácio de ‘Copa Rio Branco’ – ‘Que tema mais nobre, apanhar o homem na luta, em plena execução de suas plenas virtudes’<sup>55</sup>.

Por fim, gostaríamos de destacar que a intenção aqui foi a de realizar apontamentos acerca da produção material de NFB. Compreendemos que o desenvolvimento de uma obra é um processo que se faz de maneira coletiva, por isso também foi importante tentar mapear ao máximo que conseguimos os lugares de inserção de Mario Filho, as posições por ele ocupadas nos campos literário, esportivo, jornalístico e até político e mais ainda a circularidade dele por entre esses campos, pois todas essas condições técnicas e sociais influenciaram na produção das duas edições de NFB, obra que além de ter a sua produção material como projeto coletivo, também tem a sua produção *discursiva* realizada coletivamente, revelando a importância de se debruçar historicamente sobre essas construções.

## Referências

### Fontes

COSTA PINTO, L. A. O negro no futebol brasileiro – resenha do livro de Mario Filho. In: *Sociologia*, V. IX, nº 2, 1947, p. 181-184.

CONY, Carlos H. O negro no futebol brasileiro. In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 07 de janeiro de 1965, p. 1.

DO REGO, José Lins. O football como agente social. In: *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 16 de junho de 1946, p. 7.

LAMARE, Germana. “A ascensão do negro”. In: *Correio da Manhã*, 14 de fevereiro de 1965, p. 7.

LIMA, J. “O negro no football”. In: *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1948, p. 5.

MATTA, Ary, “Futebol e Sociologia”. In: *A Manhã*, Rio de Janeiro, 02 de abril de 1947, p. 6.

MONTENEGRO, O. Uma história do football. In: *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1948, p. 5.

QUEIROZ, Maria I. P. “O football e o caráter dionisíaco do brasileiro”. In: *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 24 de julho de 1948, p. 5.

QUEIROZ, Rachel. “O negro no foot-ball brasileiro”. In: *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 07 de julho de 1948, p. 5.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no football brasileiro*. Irmãos Pongetti Editores: Rio de Janeiro, 1947.

\_\_\_\_\_. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SODRÉ, N. W. Sociologia do esporte. In: *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 08 de julho de 1948, p. 5.

(Sem Autor). Ruggero Pongetti, uma vida devotada ao livro. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1963.

### **Bibliografia**

ANTUNES, Fátima Martin R. F. “*Com brasileiro, não há quem possa!*” *Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, P. Por uma ciência das obras. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.

CASTRO, R. *O anjo pornográfico – a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHARTIER, R. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura*. São Paulo: Unesp, 2007.

FRANZINI, F. *Á sombra das palmeiras. A coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. São Paulo. 2006. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GOMES, Angela de Castro. “Essa gente do Rio...os intelectuais cariocas e o modernismo”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993.

HALEWELL, L. *O livro no Brasil – Sua História*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1985.

HOLLANDA, B. Buarque. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro. 2003. 218 f. Dissertação (Mestrado em História). – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930-1980. In: HOLLANDA, B. B. B.; MELO, Victor Andrade de. (orgs). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. In: *Revista USP*. São Paulo: s.e., 1994, 22 n.



VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras: Itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

1 CHARTIER, R. *Inscriver e apagar: cultura escrita e literatura*. São Paulo: Unesp, 2007, pp. 12-13.

2 BOURDIEU, P. “Por uma ciência das obras”. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996, p. 56.

3 Ibidem, pp. 71-74.

4 FRANZINI, F. *Á sombra das palmeiras. A coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. São Paulo. 2006. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, pp. 69-70.

5

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras: Itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, pp. 139-144.

6 FRANZINI, F. *Op. Cit.* pp. 77-81.

7 Para esse artigo optamos pela noção de intelectual proposta por Ângela de Castro Gomes definida brevemente como: “A opção, no caso, foi adotar uma concepção de intelectual, privilegiando a ideia do produtor de bens simbólicos envolvido direta ou indiretamente na arena política.” Cf. GOMES, Angela de Castro. “Essa gente do Rio...os intelectuais cariocas e o modernismo”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 66.

8 ANTUNES, F. “Mario Filho: levantando o véu da alma brasileira”. “*Com brasileiro, não há quem possa!*” *Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. (Versão Kindle).

9

LOPES, José Sérgio Leite. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”. In: *Revista USP*. São Paulo: s.e., 1994, 22 n. p. 69.

10 HOLLANDA, B. Buarque. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro. 2003. 218 f. Dissertação (Mestrado em História). – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.. p. 91.

11

LAMARE, Germana. *Correio da Manhã*, 14 de fevereiro de 1965, p. 7.

12 CASTRO, R. *O anjo pornográfico – a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 131-132.

13

ANTUNES, F. Op. Cit.

14 GOMES, Angela de Castro. “Essa gente do Rio...os intelectuais cariocas e o modernismo”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 65.

15 HOLLANDA, B. B. B. “O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930-1980”. In: HOLLANDA, B. B. B.; MELO, Victor Andrade de. (orgs). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, pp. 81-83.

16 FRANZINI, F. *Á sombra das palmeiras. A coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. São Paulo. 2006. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 93.

17 RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 20.

18 HALEWELL, L. *O livro no Brasil – Sua História*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1985. p. 353.

19

FRANZINI, F. *Á sombra das palmeiras. A coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. São Paulo. 2006. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 75.

20 *Ruggero Pongetti, uma vida devotada ao livro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1963.

21

Ibidem, p. 37.

22 QUEIROZ, Rachel. *Jornal dos Sports*, 07 de julho de 1948, p. 5.

23

LIMA, J. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1948, p. 5.

24

MONTENEGRO, O. “*Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1948, p. 5.

25

SODRÉ, N. W. “*Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 08 de julho de 1948, p. 5.

26

QUEIROZ, Maria I. P. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 24 de julho de 1948, p. 5.

27 Cf. por exemplo: MATTA, Ary, *A Manhã*, Rio de Janeiro, 02 de abril de 1947, p. 6.

28

COSTA PINTO, L. A. “O negro no futebol brasileiro – resenha do livro de Mario Filho”. In: *Sociologia*, V. IX, nº 2, 1947, p. 181-184.

29

“Fatos e Livros”. In: *Sociologia*, V. IX, nº 2, 1947, p. 179.

30 GENETTE, Gérard. *Umbrables*. México: Siglo Veinte Uno, 2001, p. 7. *Apud*. FRANZINI, F. Op. Cit. pp. 143-144.

31 FREYRE, G. “Prefácio”. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 25.

32 FRANZINI, F. Op. Cit. pp. 137-140.

33

RODRIGUES FILHO, M. Op. Cit. p. 20.

34

*Ibidem*, p. 22.

35 *Ibidem*, p. 23.

36 FRANZINI, F. Op. Cit. p. 89.

37

DO REGO, José Lins. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 16 de junho de 1946, p. 7.

38 QUEIROZ, R. Op. Cit.

39

SODRÉ, N. W. Op. Cit.

40 MONTENEGRO, O. Op. Cit.

41 COSTA PINTO, L. A. Op. Cit. 181.

42

Ibidem, p. 182.

43 Idem.

44 Ibidem, pp. 181-182.

45 RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no football brasileiro*. Irmãos Pongetti Editores: Rio de Janeiro, 1947, p. 293.

46 A primeira edição ainda tinha a grafia de “football”, Mario só abrigueirou de vez o termo na segunda edição, passando a usar “futebol”.

47 As outras duas edições saíram posteriormente em 1994 pela Editora Firmo e em 2003 pela Mauad, entretanto a de 1964 foi a última com Mario Filho vivo, já que ele veio a falecer em 1966.

48

HALEWELL, L. Op. Cit. p. 449.

49

Ibidem, p. 453.

50 Mas é importante lembrar que seus dois últimos livros, *O rosto* (1965) e *A infância de Portinari* (1966) não tratam de futebol.

51

HALEWELL, L. Op. Cit. 451.

52 Ibidem, p. 454.

53 CARNEIRO, Édison. “A vez do preto”. In: RODRIGUES FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 18.

54 CONY, Carlos H. “O negro no futebol brasileiro”. In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 07 de janeiro de 1965, p. 1.

55 LAMARE, G. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1965, p. 5.